

## **O LUGAR DE FALA E A ESCUTA COMO POSSIBILIDADE DE APREENSÃO DO SUJEITO DA VELHICE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Josefa M<sup>a</sup> da Conceição Paulo Malaquias<sup>1</sup>

Renata Silva de Souza<sup>2</sup>

Sabryna Silva Sousa<sup>3</sup>

Edgley Duarte de Lima<sup>4</sup>

### **RESUMO**

O presente artigo tem como objetivo discutir o lugar de fala e de escuta de sujeitos atravessados pela fase da velhice, a partir de visitas realizadas à uma instituição de acolhimento de idosos, localizada na cidade de Lagoa Seca – PB. Partimos de uma leitura da psicanálise para a compreensão de tais fenômenos, a partir da teoria freudiana e do ensino de Lacan. Para tanto, fez-se uma revisão não-sistemática da literatura acerca do tema, que pudesse dar sustentação às reflexões suscitadas no campo. Observou-se que a partir da noção de produtividade, cada vez mais valorizada pelo sistema de produção capitalista, o sujeito idoso passa a ocupar o lugar de desuso, o que pode acarretar uma dificuldade na sua inserção dentro do laço social. Esta experiência pode, portanto, acarretar uma série de dificuldades de reconhecimento dentro do espaço social. Desse modo, a partir da fala e da possibilidade de ser escutado e valorizado naquilo que ele tem a dizer, presumimos que o sujeito idoso tem novamente a possibilidade de inventar novas saídas para o seu sofrimento e para as questões subjetivas advindas da relação perversa entre as demandas do social e as suas possibilidades de respostas a elas.

---

**Palavras-chave:** Envelhecimento; Fala; Escuta; Psicanálise; Relato de experiência.

---

### **INTRODUÇÃO**

Com o avanço da idade, o idoso passa por várias transformações que atingem diretamente a sua subjetividade, fonte muitas vezes de sofrimento e mal-estar. Sua vida ganha novos significados e sentidos a depender do seu contexto de inserção e da forma como o social o posiciona dentro do laço social de sua época. Com o avanço do capitalismo, cada vez mais a noção de produtividade passa a conformar, ao idoso, o lugar de desuso e, quase sempre, de improdutivo, o que acaba por trazer repercussões também no âmbito de sua subjetividade.

---

<sup>1</sup>Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG [mariamalaquias17@gmail.com](mailto:mariamalaquias17@gmail.com);

<sup>2</sup>Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, [souzarenata2014@gmail.com](mailto:souzarenata2014@gmail.com);

<sup>3</sup>Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, [psisabryna@gmail.com](mailto:psisabryna@gmail.com);

<sup>4</sup>Professor Orientador: Doutorando em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP, [edduartelima@hotmail.com](mailto:edduartelima@hotmail.com).

Com isso, os especialistas e estudiosos da área do envelhecimento utilizam-se de três nomenclaturas para se referir a tal fase. São elas: 1) os idosos jovens, 2) os idosos velhos e 3) os idosos mais velhos. O idoso jovem se caracterizaria como aqueles com idade entre 65 a 74 anos, o termo “jovem” refere-se por sua condição física não encontrar-se tão debilitada, com um bom rendimento cognitivo, permanecendo-se ativos e com as marcas da velhice menos perceptíveis (SCHNEIDER, IRIGARAY, 2008).

Embora tenham ocorrido os avanços tecnológicos e clínicos que prolongam a vida do idoso, algumas construções sociais permanecem as mesmas, ultrapassando as várias gerações. Antes de tudo, ressaltamos que partimos de uma concepção de envelhecimento como uma construção social, atravessada por fatores biológicos, culturais, políticos, econômicos e sociais (SCHNEIDER e IRIGARAY, 2008; CARVALHO e GARCÍA, 2003; DEBERT, 2006).

Nesse sentido, os sentidos produzidos em torno do processo e do sujeito do envelhecimento estão substancialmente associados às práticas discursivas em torno deste fenômeno em uma dada sociedade e os repertórios ofertados por ela para tal significação. Se, por um lado, algumas sociedades supervalorizam essa fase, tomando-a como uma etapa do desenvolvimento significada como a “melhor idade”, dando ênfase ao acúmulo de conhecimentos destes sujeitos e a sua contribuição na formação de novas gerações, em outras observamos que a velhice é retratada frequentemente como sinônimo de invalidez, perda das habilidades sociais, emocionais e cognitivas. Denota-se, portanto, à velhice um caráter negativo e de acúmulo de perdas.

De acordo Schneider e Irigaray (2008, p. 587), “as acepções de velhice nada mais são do que resultado de uma construção social e temporal feita no seio de uma sociedade com valores e princípios próprios, que são atravessados por questões multifacetadas, multidirecionadas e contraditórias”, ressaltando o seu caráter complexo no âmbito das práticas e discursos organizados em torno dessa experiência subjetiva.

Todavia, é possível compreender que a existência de várias formas de nomeação da velhice revela o quanto o decurso do envelhecimento pode se tornar, para muitos sujeitos, uma experiência difícil e de muito sofrimento, dada a sua recusa e sua negação, sobretudo quando associada aos valores de uma sociedade capitalista e neoliberal, que valoriza quase sempre o belo e o novo. Destaca-se, com isso, a realidade de preconceitos, não apenas pela

sociedade em si, mas pelo próprio sujeito que atravessa esta fase (SCHNEIDER, IRIGARAY, 2008).

Este artigo busca, então, realizar uma discussão em torno da demanda de fala e da escuta clínica com idosos, a partir do relato de experiência realizado em visita à uma instituição de acolhimento de idosos, na cidade de Lagoa Seca – PB.

## **METODOLOGIA**

Foi realizada uma pesquisa de cunho descritivo-qualitativa, que pudesse nortear as discussões apresentadas diante das experiências vivenciadas pelos sujeitos na instituição de acolhimento de idosos.

Partindo da concepção de que muitos idosos precisam do aparato institucional, principalmente das casas de repouso, foram realizadas cinco visitas na instituição de acolhimento de idosos, na cidade supracitada.

O espaço foi passando por transformações/reparos ao decorrer do tempo, adquirindo aos poucos uma estrutura de uma instituição de acolhimento de idosos. Quando adentramos no local, logo nos corredores temos acesso a sala de administração, vários quartos e no final do corredor o espaço da cozinha. O local tem uma varanda grande que a coordenadora responsável nos informou que os idosos passam ali a maioria do tempo, ou seja, é através daquela vista composta por árvores, pássaros e uma estrada de terra em que eles sonham um dia poder retornar a sua vida, ao seu lar. Esse espaço serve também como cenário para os diálogos estabelecidos entre os moradores da casa e com os visitantes.

Um aspecto importante a ser ressaltado refere-se à organização de cada quarto, já que cada idoso pode decorá-lo com objetos pessoais que acabam por tornar aquele ambiente “estranho” um lugar mais íntimo e personalizado, a partir da singularidade de cada um.

Ao longo da visita, fomos parados para um bate papo, no qual muitos idosos queriam contar sua história, mostrar sua família através das fotos ou narrar suas tristezas, logo, é possível perceber como cada diálogo é carregado de memórias e sentimentos, fazendo com que todo o espaço da instituição seja composto por trocas afetivas.

Com o intuito de darmos conta do objeto de investigação deste trabalho, *a priori* realizamos um processo de revisão bibliográfica não-sistemática, capaz de aprofundar a problematização do objeto analisado e cujo foco era fazer a aproximação do campo com as especulações teóricas da literatura acerca deste tema. Trata-se, portanto, de uma pesquisa eminentemente qualitativa, dada a sua maior aproximação com o campo das produções

discursivas (SPINK e MEDRADO, 2004), em torno do objeto de investigação deste trabalho. Além disso, lançamos mão da escuta mais apurada dos discursos produzidos pelos idosos, dando ênfase aos aspectos mais subjetivos da velhice e sua articulação com as produções socioculturais. Logo, foi utilizada a pesquisa qualitativa para fomentar a discussão.

“A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (MINAYO, 2009, p.21).

Com essas técnicas foi possível compreender alguns processos subjetivos que permeiam a função da fala no envelhecimento.

Por último, cabe ressaltar que por se tratar de um relato de experiência, as falas dos sujeitos não serão literalmente reproduzidas ao longo do texto, respeitando o sigilo e o caráter ético desta pesquisa.

## **DESENVOLVIMENTO**

Observa-se, frequentemente, que muitos sujeitos idosos perdem o seu lugar da fala e de expressão dos seus desejos e anseios. Imbricados nos discursos hegemônicos da velhice, eles passam a ganhar significações e derivações que nem estes se reconhecem, mas que muitos acham necessário incorporá-las como forma de existir no mundo. Tendo em vista que a fala é um dos pontos de partida para os questionamentos presentes no artigo, vale salientar que a psicanálise em seu primeiro momento surge com a aposta da cura por meio da fala – *talking cure* –, que possibilitou Freud fundar a teoria psicanalítica e, mais tarde, Lacan introduz a voz como objeto de pulsão oral e que tem repercussões subjetivas importantes na vida do sujeito.

O sujeito não se percebe envelhecendo, embora seja atravessado por um corpo biológico, que imprime algumas marcas ao longo do tempo, diferindo assim do corpo simbólico, no qual se resguarda os desejos e as memórias. As memórias de toda sua trajetória estão presentes em suas lembranças, mas também nas marcas impressas no próprio corpo (MUCIDA, 2006).

Mucida (2009) indica-nos que a memória é um traço marcante na vida do sujeito e nela se encontra não apenas as marcas de experiências passadas, mas tudo aquilo que foi desejado, pensado, sonhado e todo o peso que se tem sobre ela. Mas, como pensar as memórias numa sociedade que é marcada pela efemeridade das experiências?

Para Mucida (2006, p. 83), “vivenciamos novas formas de segregação que são, sobretudo, ditadas pela nova ordem econômica entre aqueles que fazem parte e os excluídos da globalização”. São sujeitos, muitas vezes, invisibilizados que, relegados à solidão dos seus quartos e reféns de rotinas despersonalizantes, tornam-se mais um acessório do que propriamente um sujeito dentro de algumas famílias ou instituições voltadas para esse público. Emerge, portanto, para muitos desses sujeitos à demanda em falar e reviver algumas memórias de outrora, tornando-se possível a muitos deles a possibilidade de enlaçar, mesmo que de maneira precária, o seu passado, presente e futuro (MUCIDA, 2009). O sujeito que antes era acostumado a dialogar e ter sua devida liberdade, agora se vê “preso” com sua fala limitada e sem muita importância.

“Em sua escrita encontra-se um sujeito que jamais envelhece. Isso significa que há traços de cada um que não se perdem jamais e não se alteram com a passagem do tempo. Significa ainda que cada um escreve, desenha, pinta, tece, conta ou canta sua velhice em conformidade com sua forma de lidar com a vida. A velhice não traz em cena outro sujeito” (MUCIDA, 2009, p. 23).

Dessa forma, percebe-se que grande parte dessa demanda por fala surge no sentido desse idoso ter a oportunidade de ser escutado na sua condição de sujeito e não de objeto de intervenção das práticas médicas que lhe outorgam, frequentemente, um lugar de pouca autonomia. Essa realidade não é distinta em muitas instituições, onde a fala do idoso é cada vez mais silenciada em prol de uma padronização e de regras de convívio.

Lacan em a “*Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano*” (1998) parte da premissa que o sujeito se constitui primordialmente a partir da sua relação com o Outro, representado como o tesouro dos significantes. Desse modo, desde o seu nascimento o bebê humano não pode prescindir dos cuidados ofertados por aquelas pessoas que desempenham uma função materna e paterna, capaz de transformar a necessidade da criança em demanda. Com efeito, o que está em jogo é, antes de tudo, a fala advinda desse Outro fundamental, daí a constituição do sujeito ser atravessada pela linguagem. Mas, como pensar o desejo de sujeitos idosos que são cerceados nas suas demandas de fala e reconhecimento?

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

“Quando se fala, diz-se mais do que queria falar, não se diz o que queria dizer e se diz além do que se pretendia dizer” (MUCIDA, 2006, p. 39). O uso da fala – não apenas verbal – é condição *sine qua non* para a constituição de relações sociais como o outro dentro do laço

social. Na velhice isso se intensifica, uma vez que nesta fase tem sido cada vez menos ofertados espaços de escuta e acolhimento para que o sujeito possa falar das suas recordações, experiências e angústias.

Atrelado a isso, Mucida (2006, p. 80) argumenta que, “junto à nova ciência, inaugura-se o imperativo do novo sob diferentes formas. Quando tudo se torna obsoleto num tempo mínimo, é o próprio sujeito que está em causa: envelhecer torna-se também obsoleto”, tendo como efeito o apagamento subjetivo do sujeito idoso.

Nas visitas realizadas à instituição de acolhimento, observou-se de maneira consensual que as histórias contadas realçam um lugar de endereçamento para o outro daquilo que está sendo dito e, mais ainda, tornando-se uma demanda central de reconhecimento e estabelecimento de vínculos.

Nessa instituição, a liberdade para a realização de visitas é sempre valorizada, inclusive, por se tratar de uma demanda da coordenadora, mas as mesmas não são suficientes para dar conta de todos os idosos que ali residem, embora haja o desejo de muitos em narrar as suas próprias histórias. Durante algumas conversas, ficou clara essa demanda explicitada na fala de uma moradora: “Gosto muito quando vocês vêm aqui, para gente conversar” (SIC) e outra que no momento da despedida afirma: “Não vão embora, fiquem um pouco mais pra gente conversar” (SIC).

A partir dessas falas observamos a expressão dos desejos particulares de cada um, de ser ouvido na sua singularidade e demonstrar que ainda tem muito a oferecer à sociedade que tenta de todas as formas apagar esse sujeito idoso. Mais do que isso, o que se observa é, quase sempre, um processo violento que retira estes sujeitos do âmbito da vida social, calando-os nas prisões simbólicas do seu próprio silêncio, processo de segregação subjetiva destacado por Mucida (2006).

Diante desse apagamento do sujeito por meio das padronizações impostas seja por meio da sociedade ou dos lares, perguntamo-nos: onde fica a singularidade desse sujeito?

Quando o idoso é convidado a manifestar-se a respeito do seu envelhecimento, surgem relatos de suas histórias de vidas que remetem à juventude e suas trajetórias, reafirmando que essa é uma fase heterogênea, dada a experiência singular de cada um na sua relação com o seu próprio envelhecimento.

Segundo o Conselho Federal de Psicologia (2008), a velhice é um processo inevitável na evolução da vida e na história do indivíduo, produzindo alterações importantes na sua

relação com o outro e com o mundo. O aumento da expectativa de vida, nas últimas décadas, tem levantado várias questões para a população que está envelhecendo, a ampliação dos serviços de saúde e a centralidade do discurso da ciência na produção de novas tecnologias e produtos voltados para essa parcela da população.

Geralmente, o que se percebe é um processo de pulverização das experiências singulares, em detrimento da lógica universalizante proposta por algumas políticas voltadas para este público. Pensando desse modo, ressaltamos que a ética da psicanálise diz respeito às relações estabelecidas entre o “universal” e o “particular” e, principalmente, as invenções e saídas encontradas pelo sujeito para não ser dissolvido no processo de homogeneização da sociedade moderna. Dessa maneira nos diz Tatit (2006, p. 8), “a singularidade seria uma expressão para se referir ao movimento de tensionamento entre o discurso coerente do paciente e a emergência do inconsciente”. O sujeito então aparecerá quando o mesmo se separar do universal, quando se afasta da espécie do geral, mas não sem desconsiderar a importância do coletivo na formação desse sujeito singular.

Com o avanço das ciências médicas e as mudanças ocorridas nos modelos econômicos, foi possível perceber que a vida foi caracterizada através da idade cronológica. Como argumenta Debert (1999, p. 73), “a padronização da infância, adolescência, idade adulta e velhice pode ser pensada como resposta às mudanças econômicas, devidas, sobretudo à transição de uma economia que tinha como base a unidade doméstica para outra baseada no mercado de trabalho”. Ressaltamos, ainda, o papel que o Estado tem na formação de tais categorias, pois o mesmo “seria, por excelência, a instituição orientadora do curso da vida, regulamentando todas as suas etapas, desde o momento do nascimento até a morte, passando pelo sistema complexo de fases de escolarização, entrada no mercado de trabalho e aposentadoria” (DEBERT, 1999, p. 74).

Esses relatos mostram que há uma diferença no modo como cada sujeito atravessa as fases da vida e, especialmente, o processo de envelhecimento. Em outras palavras, a vivência real se contrapõe à literatura e aos discursos, principalmente, de médicos e especialistas, nos quais há uma tentativa de reduzir o sujeito na sua singularidade há um padrão. Para exemplificar tal fato, poderíamos usar o cenário das instituições, no interior das quais há uma padronização do horário de comer, de dormir, de tomar banho. Nesta perspectiva, “a demanda é de que os sujeitos apaguem seus traços particulares a favor do bom funcionamento da rotina” (MUCIDA, 2006, p. 86).

Com efeito, surgem entre os próprios moradores dos lares as queixas desse processo de despersonalização, como fica claro na seguinte fala: “Preferia estar na minha casa para, comer na hora em que sinto fome!” (SIC). Porém, o sujeito que ali residir, seja por vontade própria ou por imposição da família, passará por processos de padronização prezando uma boa convivência.

Sobre isso, Goffman (1974, p. 28) afirma que: “é muito provável que o indivíduo seja despido de sua aparência usual, bem como dos equipamentos e serviços com os quais a mantém, o que provoca desfiguração pessoal”. Acrescenta ainda que: “roupas, pentes, agulha [...] - tudo isso pode lhe ser tirado dele ou a ele negado” (GOFFMAN, 1974, p. 28), embora na instituição visitada seja permitido que os quartos possam ser decorados com os pertences dos integrantes, como dito anteriormente, percebe-se que no dia-a-dia isso é negado, dada a impossibilidade da própria instituição bancar determinados custos, o que acaba gerando mais sofrimento, como foi relatado por uma das idosas ao afirmar que mesmo sabendo fazer crochê, não o faz por falta de material.

Partindo, então, das ideias trazidas por Goffman (1974), a partir dos seus estudos sobre a vida e o trabalho nos manicômios, prisões e conventos, o processo de padronização culminará na mortificação do eu, a partir também de uma ruptura com o mundo exterior uma vez que o seu mundo passa a se restringir à dinâmica da instituição. Além disso, no interior de tais instituições, seja ela um manicômio ou uma casa de acolhimento de idosos, o trabalho se dá com pessoas e, a partir disso, Goffman (1974, p. 70) afirma que: “como material de trabalho, as pessoas podem adquirir características de objetos inanimados”, logo os sujeitos passam a ocupar o lugar de objetos de intervenção, de cuidado e de imposição de regras.

Com os processos de institucionalização, Debert apud. Berni e Lenartovicz (2018) revela que essa universalização em torno do processo de envelhecimento ocorre, especialmente, a partir do enfoque nos processos biológicos. Logo, essa tentativa de universalizar o envelhecimento acaba sendo falha ao nos depararmos com os processos subjetivos produzidos por cada sujeito a partir do auxílio dos discursos produzidos numa dada sociedade e cultura. Desvelam-se, portanto, os modos de vida e as diversas formas encontradas pelo sujeito para resignificar a velhice.

Assim sendo, o sujeito da psicanálise é o sujeito do desejo, sujeito marcado pela falta, porém, é por faltar, que o sujeito se move a preencher essa lacuna para sempre aberta na sua vida. Na sua obra, Lacan salienta que essa lacuna é o que possibilita o sujeito posicionar-se na



condição de desejante. Sobre isso, Lacan afirma que: “Com efeito, é muito simplesmente - e diremos em que sentido - como desejo do Outro que o desejo do homem ganha forma, porém, antes de mais nada, somente guardando uma opacidade subjetiva, para apresentar nela a necessidade” (LACAN, 1998, p. 828). Quando não há a aposta do Outro, o sujeito desaparece. Esse sujeito se constitui por se inserir em uma ordem simbólica que o antecede, atravessado pela linguagem, entretanto tomado pelo desejo de um Outro. A linguagem não é um mero instrumento, meio de comunicação, que o falante utiliza para se “enunciar”, mesmo porque “convém” tanto para comunicar-se quanto para o mal-entendido e o desconhecimento.

Como mostra na experiência analítica "é de ver funcionar toda uma cadeia no nível do desejo do Outro que o desejo do sujeito se constitui". (LACAN, 1973/1988, p. 223). É por meio da fala, que é retirada do sujeito “velho”, que é dada a oportunidade de se reconectar com memórias perdidas e, portanto, a elaboração de um novo sentido para elas. O que, muitas vezes, se aposenta na velhice é o desejo e, por isso, devemos apostar no seu restabelecimento, quer seja, na possibilidade de que o sujeito possa novamente vir a desejar. Quando o sujeito fala, damos a possibilidade dele reelaborar e dar um novo significado ao significante velhice (MUCIDA, 2009).

Foi possível perceber que próximo a datas festivas, a sensação de desamparo familiar e tristeza é intensificado nos idosos, principalmente, pelas representações simbólicas e sociais que esses momentos significam. A maioria dessas instituições estão localizados em pontos da cidade isolados, fortalecendo ainda mais o caráter segregacional, o que, por vezes, acaba por invisibilizar o contato dos idosos com o meio externo, contribuindo para a sensação de solidão e abandono. Por outro lado, o entusiasmo fica estampado nas feições de cada idoso quando recebem os visitantes e mesmo que seja momentâneo esse pequeno intervalo já representa uma construção de laços e uma maneira de veicular a fala.

Embora alguns sujeitos explicitem suas demandas por reconhecimento de vontades e desejos próprios, há aqueles idosos que demonstram essas emoções de maneira sutil, seja no pedido para que alguns colegas se calem durante a conversa com algum idoso, assumindo com isso assumindo o lugar de protagonista na narrativa da sua própria história. Frequentemente, estas narrativas são interpretadas pelos próprios colegas como falsas, o que acaba por gerar alguns conflitos.

Esses modos implícitos de ser escutado foram percebidos ao longo de toda a visita, quando, por exemplo, durante a conversa de uma visitante com uma idosa, outra moradora

afirma: “é mentira o que ela está falando, essa velha só sabe mentir” (SIC) e logo começou a falar um pouco das suas histórias. Nesses vínculos, muitas vezes passageiros, que são construídos durante o encontro com o outro, são produzidas algumas expectativas demonstrando o que as pessoas esperam: uma escuta acolhedora, confiabilidade e atenção. Porém, já que os vínculos são momentâneos e periódicos, surgem algumas questões, dentre elas: “Quando irão receber outra visita? Quando outro irá chegar e dispor de uma escuta? Quando voltará a ver aquela mesma pessoa, já que muitos vão ali apenas uma vez? ” Tais questões acabam gerando também uma ansiedade, como exposto na fala de outra idosa: “Por que vocês demoram a voltar? Ficamos com saudades e sem saber se veremos mais vocês” (SIC).

A própria estrutura física da instituição pode nos dar indícios importantes da forma como as pessoas organizam-se lá dentro. Muitos idosos interagem entre si e com os profissionais que trabalham no lar. Ao circular para conhecer o ambiente e visitar os demais idosos, percebemos que alguns não gostam de sair dos seus quartos, seja por condições físicas ou por indisponibilidade pessoal, ocupando um lugar ainda maior de invisibilidade, já que muitos dos visitantes se restringem apenas à área inicial e dialogam apenas com os sujeitos que estão por ali.

Como no início de uma análise, a queixa é o que move o sujeito a falar, daí a importância de darmos um lugar de acolhimento para as lamentações desses idosos e a partir disso apostamos na possibilidade de novas formas de inserção no laço social. A queixa, por exemplo, se torna uma estratégia criada por eles para o início dos diálogos.

Essa queixa é endereçada ao Outro, a causa do seu mal-estar. Esse Outro que não visita, não conversa mais, parece não se importar. Trata-se de um outro que parece ter o abandonado. E é por meio desse discurso que ele se coloca enquanto sujeito, não só do discurso, mas da sua própria história, uma vez que ninguém mais do que ele conhece seu próprio sofrimento. A queixa, por sua vez, pode nos direcionar à uma compreensão que ultrapassa apenas o objetivo de uma reclamação e se torna uma demanda do sujeito, no qual poderá retificar esse sofrimento ou, pelo menos, possibilitar uma nova perspectiva, uma transformação.

Nesse ínterim, muitos idosos chamam os visitantes para sentar nas suas camas ou para mostrar o quarto e seus pertences, contando-nos as suas histórias de vida, relatando com saudosismo seus anos de juventude e o convívio com seus familiares e amigos. Esse

saudosismo e lembrança do convívio em sociedade são explícitos na fala de muitos moradores, dentre eles, uma que, mesmo se encontrando em um quadro de Alzheimer, relembra um fato que permanece vivo em sua memória e diz “morei muitos anos em Campina, perto do cemitério [...] trabalhava no João Ribeiro, você conhece? Eu escrevia muito, por isso sei ler” (SIC). A partir dessa recordação o laço com o outro torna-se possível, dando ênfase a aposta na ressignificação de antigos conflitos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As discussões apresentadas neste artigo pretendem, acima de tudo, expandir o campo de diálogos e debates no tocante ao processo de envelhecimento. Com efeito, destacamos a importância da reflexão em torno da fala e do espaço de escuta e acolhimento de sujeitos idosos. Mais do que isso, desejamos que esse trabalho possa servir para abrir mais discussões no campo da psicanálise.

Sendo assim, utilizamo-nos de conceitos psicanalíticos para demonstrar como a psicanálise tem outro olhar com relação ao processo de envelhecimento, melhor dizendo, em relação ao sujeito.

Trata-se, portanto, de construir uma forma possível para lidar com o real da velhice, priorizando o campo das invenções singulares. Além disso, percebemos ao longo deste trabalho como as memórias são carregadas de afetos. A noção de que podemos ressignificar nossas memórias evita que a compreensão psicanalítica da história do sujeito se reduza a um determinismo que, por analisar somente a ação do passado sobre o presente, determine que todo o destino do sujeito permanece o mesmo desde o seu nascimento. A capacidade de ressignificação possibilita ao sujeito uma reinvenção da sua própria condição.

Dito de outro modo, não se pode desconsiderar o singular e partirmos apenas do universal, uma vez que a ética da psicanálise está na articulação entre aquilo que é do social e as saídas construídas pelo sujeito para dar conta de tais determinações. Nesse contexto, nomear, narrar, partilhar experiências se faz necessário como uma saída dado o insuportável dessa realidade.

## REFERÊNCIAS

BERNI, Felipe Collar; LENARTOVICZ, Tiago. **O processo de envelhecimento e o exercício da cidadania do sujeito idoso como proposta de um livro-reportagem.** In: XIV JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM COMUNICAÇÃO, 15., 2018, Joinville, p. 1 - 15.

Carvalho, J. A. M. D., & Garcia, R. A. (2003). **O envelhecimento da população brasileira: um enfoque demográfico.** *Cadernos de Saúde Pública*, 19(3), 725-733.

Conselho Federal de Psicologia. **Envelhecimento e Subjetividade: desafios para uma cultura de compromisso social.** Brasília, DF, 2008.

DEBERT, Guita Grin. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: Barros, Myriam Moraes Lins de.(Org.) **Velhice ou terceira idade.** 4. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

DEBERT, Guita Grin. Velhice e o curso da vida pós-moderno. **Revista Usp**, São Paulo, n. 42, jun. 1999, p. 70-83.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, Prisões e Conventos.** São Paulo: Perspectiva S.A, 1974.

Lacan, J. (1988, 2ª Ed.). **O seminário: livro 11 - os quatro conceitos fundamentais da psicanálise.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

LACAN, Jacques. **Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano.** In. \_\_\_\_ Escritos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

MUCIDA, Ângela. De uma memória que não se apaga. **Escrita de uma memória que não se apaga: envelhecimento e velhice.** Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

MUCIDA, Ângela. **A velhice é uma escrita.** In.:\_\_\_\_\_. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

MUCIDA, Ângela. O simbólico na constituição do sujeito: Freud e Lacan. **O sujeito não envelhece: psicanálise e velhice.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MINAYO, Cecília de Souza. Desafio da Pesquisa Social. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade.** Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes, 2009. p. 07-108.

SCHNEIDER, Rodolfo Herberto; IRIGARAY, Tatiana Quarti. **O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais.** Estudos de psicologia, Campinas, p. 586-593, 2008.

SPINK, Mary Jane; MEDRADO, Benedito. Produção de sentidos no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. In: SPINK, Mary Jane (Org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas.** 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2004, p. 41-61.